

DIMENSÕES INVESTIGATIVAS E FORMATIVAS DO TRABALHO COLABORATIVO EM EDUCAÇÃO

FORMATIVE AND INVESTIGATIVE DIMENSIONS OF THE COLLABORATIVE WORK IN EDUCATION

Amanda Regina Gonçalves¹

Rogéria Moreira Rezende Isobe²

Sandra Mara Dantas³

Resumo: O texto apresenta reflexões teórico-metodológicas acerca de um trabalho colaborativo entre universidade e escola, preocupado em investigar temas da história e da geografia local do município de Uberaba/MG e, mais especificamente, da escola básica da rede pública de ensino envolvida no projeto e do bairro onde se situa. Discute a dimensão formativa e investigativa do trabalho colaborativo que, no âmbito dessa pesquisa, materializou-se em um livro para fins escolares, que trata das questões histórico-geográficas da referida escola e de seu entorno.

Palavras-chave: Conhecimento Escolar; Ação Formativa; Pesquisa Colaborativa.

Abstract: The text presents theoretical-methodological reflections about a collaborative work between university and school, in order to investigate themes of history and geography of the city of Uberaba, in Minas Gerais State, Brazil, and, more specifically, in the public school, involved in the project, and in the neighborhood where it is located. It also discusses the formative and investigative dimensions of the collaborative work, in the context of this research, materialized in a book for schools purposes, which deals with issues of that historical-geographical school and its surroundings.

Keywords: School Knowledge; Formative Action; Collaborative Research.

¹ Texto desenvolvido a partir de projeto realizado com apoio da FAPEMIG, por meio do Edital "Projeto de Extensão em Interface com a Pesquisa" e com apoio da CAPES-PRODOCÊNCIA (Programa de Consolidação das Licenciaturas).

² Doutora em Geografia, Depto. de Geografia, UFTM. goncalves.amanda@gmail.com

³ Doutora em Educação, Depto. de Educação, UFTM. rogeriaisobe@gmail.com

⁴ Doutora em História, Depto. de História, UFTM. sandra.dantas@netsite.com.br

Introdução

Os saberes com os quais representamos o mundo e mediamos nossas ações na atualidade provêm, cada vez mais, de amplos e intensos fluxos de informações que inundam diariamente nossa vida, em especial por meio das linguagens da comunicação de massa e da linguagem publicitária. Nesse movimento, o processo de conhecer/aprender se efetiva de modo geral como algo externo ao sujeito, na perspectiva do estímulo fugaz e instantâneo do excesso de informações que dificulta a possibilidade da experiência: “como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação” (LARROSA, 2002, p. 22). Por isso o papel social da escola e do trabalho dos sujeitos escolares é relevante para possibilitar a produção de outros saberes e outras representações socioespaciais e culturais que ampliem as referências das ações dos alunos na perspectiva da experiência entendida, como propõe Jorge Larrosa:

Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamim, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiência que caracteriza o nosso mundo. Nunca passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2002, p. 21).

A perspectiva delineada pelo filósofo espanhol nos provoca a pensar na construção do conhecimento como um processo de atribuição de sentido que se dá por meio da experiência e nos leva a compreender a importância dos princípios teórico-metodológicos que fundamentam as políticas e as

práticas educacionais, os quais desempenham um importante papel no campo educativo, pois podem permitir ou restringir a participação dos sujeitos nos distintos processos de produção dos saberes escolares. Dessa forma, merecem atenção as diferentes formas de concepção e desenvolvimento dos processos de formação de professores, das pesquisas no campo educacional e da formulação de políticas educacionais, uma vez que revelam seus fundamentos epistemológicos que repercutem diretamente no cotidiano escolar.

Nesse quadro de referência, as pesquisas de natureza colaborativa, realizadas *com* professores e não apenas *sobre* os professores e a escola (NOVOA, 1995), vêm sendo consideradas alternativas promissoras de investigação em educação, na medida em que pressupõem a concepção de professor como produtor e sujeito de seu próprio conhecimento, e configuram-se como oportunidades de construção de saberes de experiências entre os diferentes profissionais do ensino envolvidos nos projetos colaborativos de pesquisa.

Visando aproximar as pesquisas acadêmicas sobre ensino de geografia e de história e os saberes e práticas de professores desse campo no Ensino Fundamental, apresentaremos alguns aspectos da fundamentação teórico-metodológica da abordagem qualitativa de pesquisa (ANDRÉ e LÜDKE, 1986) e de investigações que se realizem a partir de redes colaborativas de trabalho (ALVES, 2002), de maneira que possam emergir dessas ações aspectos geográficos e históricos da localidade em estudo, ou seja, que permitam a construção de referências de identidades alicerçadas em elementos espaço-temporais e culturais da realidade vivida pelos sujeitos, para que essas concorram com as outras tantas referências que lhes chegam diariamente, mais como informações do que como experiências.

A partir dessa perspectiva, foi desenvolvido um trabalho de extensão universitária em interface com a pesquisa por um grupo diversificado de pessoas focado nos temas da história local e da geografia local do município de Uberaba (localizado na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, do estado de Minas Gerais) e, mais especificamente, de um de seus bairros, bem como na história e identidades de uma instituição escolar da rede pública de ensino situada nesse bairro. Um trabalho que tem como objetivo a produção de conhecimentos escolares e sua materialização em um livro com fins paradidáticos por um grupo de pessoas preocupado com atividades de ensino que contribuam com a compreensão histórico-geográfica da escola e do entorno onde se localiza.

Este texto apresenta algumas reflexões sobre desafios, possibilidades e limites enfrentados na modalidade de investigação de natureza colaborativa, focalizando o projeto desenvolvido com professores do ensino de geografia e história, com intuito de ressaltar a necessidade de reconhecimento e investimento das políticas públicas nas atividades de investigações realizadas em parcerias entre professores e alunos do ensino superior e da escola básica. O texto aborda também a importância do levantamento e valorização das memórias, territorialidades e as identidades produzidas em espaços e situações particulares da escola e seu entorno, bem como as potencialidades da ação formativa vivenciada no processo de elaboração de um material sobre as dimensões históricas e geográficas da instituição escolar envolvida, do bairro onde ela se insere e do município de Uberaba-MG.

A ação formativa na pesquisa colaborativa

Desde o surgimento do mundo moderno, entre os séculos XV e XVI, a intensificação das mudanças nos leva a perceber substituições das totalidades medievais à constante busca de novas totalidades (ALVES, 2004).

Visando superar as explicações míticas e divinas, o paradigma cartesiano ensinou a pensar o mundo através da lógica matemática, enquadrando os fenômenos em medidas, em tempos/espacos absolutos.

O modelo moderno de ciência e de sociedade busca fixar certos significados, através das coerções dos discursos tomados como verdadeiros. “Compartimentalização, causalidade, hierarquia, linearidade e determinismo” são alguns dos princípios básicos que sustentam os conhecimentos aí construídos (FERRAÇO, 2002, p. 91), que, de uma maneira ou de outra, com intensidades diferentes, perduram nas ciências para legitimá-las, mantê-las institucionalmente ou justificar seus fins ou resultados, muitas vezes, independentes dos processos em que se desenvolveram ou das demandas dos próprios objetos pensados. Esses princípios também acabam por perdurar nas metodologias de pesquisa e ensino, ou seja, nas formas de produção desses conhecimentos, nas formas escolhidas para a efetivação do trabalho, as ações de formação e produção no âmbito da Universidade e também da Escola.

Por outro lado, os produtos, nessas instituições, estão cada vez mais submetidos a mecanismos de avaliação externa, que referenda um cenário quantitativo e competitivo de produção, balizado pelo mercado da meritocracia e que alimenta a vida “aparente”, enquanto os vínculos interpessoais se enfraquecem, caminhando para uma sociedade individualista, na qual nos relacionamos, antes de qualquer coisa, pelo espetáculo.

É nesse cenário, com todas as adversidades típicas de um período assim caracterizado, que buscamos realizar um trabalho colaborativo de pesquisa que envolve a ação formativa no campo do ensino de geografia e de história, por um grupo heterogêneo de pessoas, e foram nas relações microssociais e nas práticas cotidianas dos envolvidos no projeto que a

colaboração foi potencializada e as produções ganharam os contornos dados pelas representações desse grupo.

Essa abordagem de pesquisa tem como característica fundamental a participação e a vivência de um processo coletivo de reflexão sobre os problemas educativos que possibilita a construção de conhecimentos articulados à prática escolar por meio do compromisso que se estabelece entre os participantes (GIOVANNI, 2009).

Marin (2005) ressalta a presença das dimensões de investigação e formação nos projetos colaborativos de pesquisa: a perspectiva da investigação enquanto processo de construção de conhecimento sobre o trabalho docente e dimensão formativa que se realiza no processo de “apropriar-se de um saber para realizar um fazer (o ensino)” (MARIN, 2005, p. 161). Podemos afirmar, na esteira de Giovanni (2009), que:

[...] por se tratar de uma situação de pesquisa na qual pesquisadores e membros representativos da situação em estudo estão envolvidos de modo cooperativo e participativo, as relações que se estabelecem, assumem um caráter potencialmente didático, isto é, resultam num processo de investigação de ensino e de aprendizagem para todos os envolvidos, incluindo aí não só os professores participantes, mas também os próprios docentes-pesquisadores (GIOVANNI, 2009, p. 55-56).

A ação formativa não almejou funcionar como um curso massificado de formação de professor, mas envolver de maneira mais profunda – por meio de encontros de estudos, reflexões e elaboração de material didático - aqueles professores e alunos que se interessassem e tivessem condições de atuação no projeto, uma vez que consiste num trabalho que demanda tempo, dedicação e atuação coletiva, o que, para a maioria dos professores das escolas públicas brasileiras, torna-se algo difícil de concretizar em vista

das condições de trabalho e das formas de funcionamento das escolas, onde a carga horária de trabalho dos professores é excessiva e as escolas necessitam lidar com grandes demandas institucionais e cotidianas.

No entanto, entendemos, como Michel de Certeau (1994), que nas práticas cotidianas as estratégias e intervenções com interesses hegemônicos podem encontrar microrresistências, tornando possível uma relativa autonomia e o desenvolvimento de táticas nas brechas e ausências do poder estratégico. Dessa forma, o esforço para enfrentar as dificuldades de romper com as formas individuais de trabalhar foi uma constante preocupação dos participantes, que buscaram fazer dos encontros realizados momentos privilegiados de construção de conhecimentos sobre a prática escolar. É importante ressaltar que esse processo nem sempre foi tranquilo, e envolveu conflitos no enfrentamento de velhas certezas, descompassos entre expectativas e resultados e reflexões sobre concepções relacionadas à natureza coletiva e colaborativa do trabalho realizado.

Outro desafio enfrentado consiste na falta de investimento e de políticas educacionais que favoreçam projetos de formação docente em que o professor atue como pesquisador e produtor de conhecimento. Dessa forma, o trabalho investigativo, que deveria ser uma prática comum nas escolas e na vida do professor, recebe pouca atenção por parte das políticas públicas e torna-se algo estranho à prática cotidiana escolar, a qual vive submersa àquelas práticas de maior interesse e cobrança destas políticas, como o cumprimento dos programas e planos curriculares e o rendimento dos alunos medido por meio das várias formas de avaliação, a que cada vez mais são submetidos seus alunos, ranqueando a escola, o corpo docente, a direção e os funcionários.

Assim, o trabalho investigativo passa a não interessar ao sistema escolar, pois as estatísticas que preocupam são resultantes de processos

rápidos, quantitativos, massificados em relação à atuação dos professores e em relação aos alunos. Isto diverge do trabalho investigativo, que é lento, detalhado, que exige envolvimento e dedicação de cada sujeito participante, cujos resultados não são imediatos, mas alcançados em longo prazo.

O trabalho realizado reforçou a necessidade de valorização dos professores, enquanto sujeitos na construção de conhecimentos, que têm em suas práticas um espaço de contínua produção, transformação e mobilização de saberes, ou seja, um processo de formação que ocorre também de maneira contínua (TARDIF, 2002), o que justifica a importância do conhecimento de como lidam com seus saberes e práticas diante das exigências didáticas impostas pelo ensino de conteúdos sobre a localidade, tendo como referência um material sobre a história e a geografia local.

Por isso, uma das potencialidades dos projetos colaborativos é a desconstrução do paradigma de pesquisa e de educação a partir do qual muitos de nós fomos formados, pois o movimento do grupo de participantes nesse projeto seguiu na direção de tentar superar a relação mecânica e linear entre o conhecimento acadêmico e a prática concreta da sala de aula. O procedimento de reflexão, busca de conhecimento e reformulação das ações e concepções, ressalta o potencial formador da pesquisa colaborativa para todos os envolvidos e contribui num pensar constante sobre os problemas e a dinâmica gerados na prática cotidiana.

Assim, envolveram-se nesse projeto professores e alunos da universidade e da escola, especialmente uma professora ligada às áreas de ensino de geografia e de história, bem como envolveu a participação da comunidade do bairro por meio de uma moradora com formação em ciências sociais e bastante ativa nas atividades do bairro. Reuniram-se semanalmente, durante cerca de 17 meses, para planejamento da pesquisa e das atividades na escola, estudos, discussões, produções e reencaminhamentos do projeto,

com foco na investigação sobre a geografia e a história locais, além de outros professores e alunos que participaram de atividades pontuais diversas desenvolvidas na escola, com temas relacionados ao projeto.

Ações colaborativas e produção de conhecimento escolar

Schlechty e Whitford (apud GIOVANNI, 2009, p. 28) alertam que o relacionamento entre universidade e escolas, decorrente da pesquisa colaborativa, é “sempre frágil, temporário e inconstante”, ocasionando o problema da permanência e estabilidade de pesquisas dessa natureza. Para corrigir essa fragilidade os autores propõem que a ênfase na investigação deve deslocar-se para os “problemas de fronteira”, sobre os quais nenhuma das partes tenha monopólio exclusivo ou possa resolver sozinha. Nessa direção, podemos afirmar que os projetos que envolvem colaboração podem gerar oportunidades do encontro para busca de alternativas no enfrentamento de questões cuja complexidade não permite maior amplitude na compreensão do problema, quando abordado de forma isolada pela universidade e/ou pela escola básica.

A partir da problematização do material didático utilizado nas escolas públicas –considerado aqui como um “problema de fronteira”–, observou-se que, entre os diversos e complexos aspectos que o tema comporta, o livro didático configura-se em um suporte de conhecimentos e valores muito distantes da realidade vivenciada na comunidade escolar.

Sendo assim, o esforço colaborativo do grupo de trabalho voltou-se para a produção de um conhecimento que se materializasse em um material paradidático de uso escolar focalizado nas memórias, territorialidades e identidades produzidas em espaços e situações particulares da escola básica da rede pública envolvida no projeto e do bairro onde a instituição se localiza. O processo de reviver e tornar próprio (LARROSA, 2002) o

conhecimento escolar configura-se em uma oportunidade de construção de sentido de determinados saberes que não se vinculam a conhecimentos universais:

Trata-se de um saber finito, ligado à experiência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular [...] Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal (LARROSA, 2002, p 27).

Um dos principais avanços observados ao longo do desenvolvimento do projeto diz respeito ao campo do currículo escolar. Para que a investigação e a produção do material se realizassem foi necessário ampliar as fontes curriculares para além dos livros didáticos, programas curriculares e produções acadêmico-científicas, uma vez que os arquivos públicos e pessoais, os museus, as histórias narradas por pessoas da comunidade e os setores da prefeitura passaram a ser importantes fontes do currículo. Isto promoveu certa descentralização na produção de conhecimento escolar, muitas vezes localizada nos mercados editoriais dos livros didáticos, nos órgãos de governo responsáveis pelas políticas educacionais e curriculares ou nas mídias de massa. Ao mesmo tempo, possibilitou que os sujeitos participantes do projeto se reconhecessem como produtores de conhecimento escolar; distinto, portanto, de um saber a ser ensinado, com conteúdo e forma organizados, estruturados de acordo com o proposto por um livro didático ou por um plano de aula prescrito para determinado ano escolar.

A pesquisa no município e, especialmente no bairro da escola, foi norteadada por quatro eixos temáticos: 1) a escola estadual: história da instituição, memórias escolares e organização do espaço escolar; 2) aspectos históricos e geográficos do bairro e relações com o município de Uberaba-MG; 3) políticas públicas, mundo do trabalho, cidadania e meio

ambiente do bairro e município; 4) questões de aprendizagem no ensino de história e geografia.

Cada um desses eixos teve desdobramentos de acordo com o andamento da pesquisa, pois tomamos como princípio uma metodologia que busca estar aberta aos elementos não previstos nos planos de trabalho, mas que ganham significado ao longo da investigação. Assim, estivemos certos de que produziríamos um material não completo ou acabado, no sentido de que ele não conseguiria abarcar todas as questões histórico-geográficas e educacionais do bairro e, sendo essa nossa única certeza, fizemos questão de deixar explícita na apresentação do material a proposta do mesmo ser uma obra que precisava ser complementada e colocada em diálogo com muitas outras obras e representações socioespaciais e de memória dos alunos ou de qualquer usuário do material.

O trabalho investigativo do grupo foi composto por diversos instrumentos de pesquisa (WEFFORT, 1996), como levantamento de documentos em órgãos públicos, como setores da prefeitura, arquivos, museus e escolas, e levantamento de documentos de arquivos pessoais de moradores, professores e alunos da escola, e estabelecimentos comerciais. Foram realizados questionários com moradores do bairro, bem como entrevistas semiestruturadas com moradores antigos do bairro, sujeitos-chave para compreensão de determinados temas levantados. Também foram realizadas atividades diversas com grupos de alunos da escola que discutiam temas locais ou de relevância no plano de trabalho do professor e no projeto.

Alguns dos temas abordados na pesquisa foram: localização geográfica, população e organização espacial do município; localização geográfica do bairro em estudo; formação histórica do município e bairro; atividades econômicas do município e o comércio no bairro; aspectos físicos e ambientais do município e da área em estudo; grupos culturais e

elementos de referência socioespaciais e de memória da área em estudo; serviços públicos e urbanização; história e identidade da instituição escolar envolvida.

Assim, privilegiar o lugar e suas histórias e inserir o material no contexto dos saberes escolares e da prática dos professores, por meio de uma rede de colaboração para a produção de conhecimento escolar “não ocorrem de forma pré-definida ou pré-determinada, insere-se como uma produção extremamente singular e configuram uma experiência impossível de ser facilmente deslocada, daí constituírem produtos basicamente *artesanais*” (GONÇALVES, 2011).

Este trabalho, portanto, foi motivado pelo fato de entendermos que este estudo pode potencializar a leitura espacial e temporal dos espaços uberabenses, realizadas pelos professores e alunos, reconhecendo-se como produtores de conhecimento e de material escolar.

Algumas considerações

A realização de pesquisa *com* professores e no interior da escola apresenta potencialidades no que tange à ação formativa e à natureza do conhecimento gerado pelo processo de investigação de natureza colaborativa. Tais potencialidades são decorrentes das situações geradas pelo processo da pesquisa, que reconhece a importância do diálogo entre os profissionais do ensino superior e da escola básica, analisa os problemas escolares de maneira contextualizada, a partir do cotidiano escolar, e concebe os profissionais da educação como sujeitos na produção do conhecimento relacionado ao universo escolar.

Entre as dificuldades e desafios a serem enfrentados, destacam-se as precárias condições de trabalho das escolas públicas que, com raras exceções, possuem uma rotina marcada pelo excesso de trabalho dos

professores, que possuem pouco tempo disponível para se dedicarem aos estudos e atividades diversas demandadas pelo projeto colaborativo de trabalho. Ressalta-se, ainda, a dificuldade de romper com as formas individuais de atuação para realização de um trabalho coletivo, que exige paciência, persistência e aprendizado “com o outro”. É importante destacar, também, a necessidade de políticas educacionais que favoreçam projetos de formação docente em que o professor atue como pesquisador e produtor de conhecimento, capaz de contribuir para a melhoria do ensino na escola pública brasileira.

Entre os objetivos alcançados com o desenvolvimento deste trabalho colaborativo, ressalta-se a constituição de uma farta documentação sobre o bairro da escola e seu entorno, até hoje quase inexistente. Tal documentação traz a característica especial de ter sido coletada, organizada e apresentada a partir da preocupação com seu uso pelos alunos, crianças e adolescentes do bairro em estudo, de Uberaba, mas também de todos aqueles interessados em conhecer aspectos históricos e geográficos locais e de uma instituição escolar em particular.

O trabalho desenvolvido revelou-se como possibilidade de registro e de dar maior circulação aos conhecimentos investigados pelos envolvidos na pesquisa, das atividades desenvolvidas na escola e das produções dos alunos.

Enfim, as produções resultantes da pesquisa dos temas circunscritos pelo recorte espacial do município e, mais especificamente, de um bairro e uma escola, propiciaram o desenvolvimento de práticas educativas na educação fundamental voltadas para a recuperação histórico-cultural da escola e de seu entorno espacial e para os novos desafios sociais e ambientais emergentes nessa porção do município de Uberaba, na perspectiva de valorizar a diversidade cultural e a construção de relações de identidades histórico-espaciais dos alunos e professores desse município.

Referências

ALVES, N. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Org.) **O sentido da escola**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 111-120.

ANDRÉ, M. E. D. A.; LÜDKE, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.

FERRAÇO, C. E. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 91-107.

GIOVANNI, L.M. O papel dos professores e dos pesquisadores: um desafio no processo de pesquisa colaborativa. In: MARIN, A.J.; GIOVANNI, L.M. e GUARNIERI, M.R. **Pesquisa com professores no início da escolarização**. Araraquara: JM Editora, 2009, p. 17-37.

GONÇALVES, A. R., ALMEIDA, R. D. de. Delineamento teórico-metodológico de Investigação Qualitativa em Geografia Escolar: um ensaio visando aproximar universidade e escola, 2006. **Anais... XIX Encontro Nacional de Geógrafos**. Rio Branco/AC: UFAC/AGB, 2006.

GONÇALVES, A. R. O mapa como enunciado: os atlas e as formações enunciativas na educação geográfica. In: CAVALCANTI, L. de S.; BUENO, M. A.; SOUZA, V. C. (org.). **A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino da geografia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2011, p. 151-164.

LARROSA, J. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MARIN, A.J. A construção do conhecimento sobre o trabalho docente e a Didática em suas várias feições. In: **Didática e trabalho docente**. Araquara: JM Editora, 2005, p. 159-178.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 15-33.

TARDIE, M. **Saberes Docentes e Formação de Professores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WEFFORT, M. F. Aprendizagem do olhar. In: WEFFORT, M. F. (Org.). **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2. ed. São Paulo: PND, 1996.

